

O professor de Educação Física e o etnocentrismo: um estudo sobre o *bullying*
The Physical Education teacher and ethnocentrism: a study on *bullying*
El profesor de Educación Física y el etnocentrismo: un estudio sobre el acoso

Recebido: 00/10/2020 | Revisado: 00/10/2020 | Aceito: 06/11/2020 | Publicado: 08/11/2020

Luiz Carlos Soares Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3041-8921>

Universidade Católica de Brasília, Brasil

E-mail: luizcarlossax@hotmail.com

Luis Otávio Teles Assumpção

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8347-1603>

Universidade Católica de Brasília, Brasil

E-mail: luiso@ucb.br

Marco Antonio Caetano Júnior

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2510-2364>

Universidade Católica de Brasília, Brasil

E-mail: marcohand85@gmail.com

Resumo

O presente estudo analisa as percepções e comportamentos de três professores de educação física do Instituto Federal do Piauí – Campus Teresina Central, em relação a manifestações de *bullying* e posturas etnocêntricas no ambiente escolar. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, por meio de análise do discurso. O estudo é um recorte da pesquisa de doutorado que tem como objeto o *bullying* nas aulas de handebol da referida instituição. Constatado o fenômeno nas aulas de handebol, surgiu o interesse em investigar a existência dessa síndrome em outras modalidades. Os resultados comprovaram a existência deste fenômeno e destas posturas no universo da escola, gerando situações de conflito, revolta e apatia. Os professores alegaram fragilidade em sua formação para lidar com esse problema, de forma adequada. Consequentemente, atestaram que suas atitudes diante das situações tem se mostrado ineficazes e ineficientes. Percebe-se, desse modo, um certo descaso da Instituição em relação à formação dos professores para lidar com situações como estas.

Palavras-chave: Etnocentrismo; *Bullying*; Educação física.

Abstract

The present study analyzes the perceptions and behaviors of three physical education teachers at the Federal Institute of Piauí - Campus Teresina Central, regarding manifestations of bullying and ethnocentric postures in the school environment. It is a qualitative research, through discourse analysis. The study is an excerpt of the doctoral research that has as its object bullying in the handball classes of the institution. The phenomenon was verified in the handball classes, the interest in investigating the existence of this syndrome in other modalities arose. The results proved the existence of this phenomenon and these postures in the school universe, generating situations of conflict, revolt and apathy. Teachers alleged weaknesses in their training to deal with this problem in an appropriate way. Consequently, they attested that their attitudes towards situations have been ineffective and inefficient. In this way, it is noticed a certain disregard of the institution in relation to the training of teachers to deal with situations like these.

Keywords: Ethnocentrism; Bullying; Physical education (PE).

Resumen

El presente estudio analiza las percepciones y comportamientos de tres profesores de educación física del Instituto Federal de Piauí - Campus Teresina Central, sobre las manifestaciones de acoso escolar y posturas etnocéntricas en el ámbito escolar. Es una investigación cualitativa, a través del análisis del discurso. El estudio es un extracto de la investigación doctoral que tiene como objeto el *bullying* en las clases de balonmano de la referida institución. El fenómeno se comprobó en las clases de balonmano, surgió el interés por investigar la existencia de este síndrome en otras modalidades. Los resultados evidenciaron la existencia de este fenómeno y estas posturas en el universo escolar, generando situaciones de conflicto, revuelta y apatía. Los docentes alegaron deficiencias en su formación para afrontar este problema de forma adecuada. En consecuencia, atestiguaron que sus actitudes ante situaciones han sido ineficaces e ineficaces. De esta forma, se advierte un cierto desprecio de la Institución en relación a la formación de docentes para afrontar situaciones como estas.

Palabras clave: Etnocentrismo; Intimidación; Educación física.

1. Introdução

Historicamente, entre os seres humanos, a dificuldade em se relacionar com o “diferente”, o “estranho”, aquele que não faz parte da nossa própria cultura (a que nos é mais familiar, que manejamos seus códigos com maior desenvoltura) é entendido, no âmbito da Antropologia, como “etnocentrismo”, isto é, estar centrado na própria etnia.

O não-reconhecimento do “outro”, pertencente ao grupo do “diferente”, está na base da segregação e da intolerância. Afirma o pensamento antropológico que, se se pretende entender ações, pensamentos, sentimentos de desconhecidos, não se pode definir *a priori* noções de certo ou errado, adequado ou inadequado, justo e injusto.

O modo de pensar, agir, relacionar, de cada ser humano, é originado historicamente, dizendo respeito ao lugar de origem, às experiências vividas, às interações sociais, aos valores assimilados, à cultura introjetada, os quais se revelam nos signos, nos símbolos, na linguagem, nos gestos, etc. A trajetória e o modo de vida do ser humano o tornam único no mundo, cada marca trazida no seu corpo traduz um pouco de sua vida e de sua história. Cabe ao “outro” interpretar os sentidos de sua vida. Entretanto, nem sempre este relativismo é reconhecido e assimilado.

A proposta deste artigo é analisar, sob a perspectiva de três professores de educação física do Instituto Federal do estado do Piauí – Campus Teresina Central, concepções, práticas e manifestações etnocêntricas expressas sob forma de *bullying*, no intuito de compreender suas diferentes manifestações no âmbito escolar.

1.1 *Bullying* – a dificuldade em se lidar com a diferença

Bullying se manifesta por meio de violências físicas e simbólicas, de forma repetitiva e intencional, nos mais diferentes ambientes sociais, com maior frequência nas relações primárias (no sentido proposto pelo sociólogo Charles Cooley, isto é, relações estreitas, afetivas, familiares, com grupos de vizinhança, amigos, etc) e no contexto educacional. Ele se exprime sob forma de agressões, exclusões, desprezo em relação a diferenças ou preferências, especialmente aquelas divergentes em relação aos padrões de comportamento esperados. Trata-se de atitudes marcadamente etnocêntricas, desvalorizando e negando as condutas alheias, dificultando-lhe o direito de viver e assumir valores, hábitos, identidade próprias. Com efeito, o preconceito, a intolerância, o desrespeito, estão na base das manifestações do *bullying*.

A palavra *bullying* ainda é pouco conhecida do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores. É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes, geralmente, não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Isso significa dizer que, de forma quase “natural”, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. E isso, invariavelmente, sempre produz, alimenta e até perpetua muita dor e sofrimento nos vitimados (Silva, 2010, p. 21).

Com críticas pejorativas em relação a alguma limitação física ou cognitiva, ao modo de agir, pensar ou falar, dificulta-se ao “outro” assumir sua própria identidade. As relações de afetividade e as interações são afetadas pela não aceitação dos comportamentos diversos, configurando, assim, a situação de etnocentrismo, onde o nosso próprio grupo é tomado como centro do mundo e os outros são pensados e sentidos por meio dos nossos valores (Rocha, 2006).

Ao tratar a questão da diversidade cultural, Anete Abramowicz (2006) diz que todo brasileiro vive uma situação no mínimo, inusitada. De um lado, há o discurso de que nós somos um povo único, fruto de um intenso processo de miscigenação e mestiçagem, que gerou uma nação singular com indivíduos culturalmente diversificados. De outro, vivenciamos em nossas relações cotidianas inúmeras práticas preconceituosas, discriminatórias e racistas em relação a alguns segmentos da população, como, as mulheres, os indígenas e os afro-descendentes (Nogueira, et al., 2008, p. 1).

O ambiente escolar, especialmente entre crianças e adolescentes, é pródigo em manifestações envolvendo *bullying*. No Brasil, os casos de violência com maior repercussão têm sido veiculados pelos meios de comunicação de massa com relativa frequência, demonstrando a recorrência do fenômeno e sua importância social. Destacamos os casos da escola de Realengo, da cidade do Rio de Janeiro (2011); no Rio Grande do Sul, na cidade de Cachoeirinha (2017); em uma escola de Goiânia (2017); e o mais recente, em 2019, em uma escola da cidade de Suzano, no estado de São Paulo, onde várias mortes ocorreram.

O não cumprimento do que está homologado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) sobre condutas violentas contra crianças e adolescentes tem se formatado como fator de aumento da violência, especialmente no contexto escolar. O registro feito por pesquisas sobre a prática reiterada da violência no contexto educacional (Fante, 2005; Silva, 2010; Antunes, 2011) tem gerado grandes preocupações aos especialistas em educação, que

creem em um sistema de ensino voltado para a formação solidária.

Alguns exemplos de violência no ambiente escolar ilustram o cenário de agressão entre estudantes contra seus pares. As características físicas podem marcar pejorativamente uma pessoa quando o olhar preconceituoso enxerga como atributo negativo. Marcas que muitas vítimas carregam por toda a vida.

“Bob espinha, até sua mãe deve ter nojo de você” – essa é uma das frases que Felipe (nome fictício), lembra todos os dias. Formado em administração de empresas, casado e pai de dois filhos pequenos, ele ainda sofre os reflexos do *bullying* que sofria na escola. Felipe cursava o ensino médio em um colégio privado de Teresina, quando as agressões começaram, há 18 anos. O tempo passou, a acne sumiu, mas a sensação de angústia ficou (Cury, 2018, p. 49).

A dimensão tomada pelo *bullying*, especialmente entre os adolescentes, requer estudos aprofundados. Neste trabalho, discutimos o fenômeno sob a perspectiva da Antropologia. Essa escolha deve-se ao entendimento de que este fenômeno se caracteriza como um mal social, de alta escala nas relações intra e interpessoais no âmbito da escola.

O *bullying* é um fenômeno tão antigo quanto a própria instituição denominada escola. No entanto, o tema só passou a ser objeto de estudo científico no início dos anos 70. Tudo começou na Suécia, onde grande parte da sociedade demonstrou preocupação com a violência entre estudantes e suas consequências no âmbito escolar. Em pouco tempo, a mesma onda de interesse contagiou todos os demais países escandinavos (Silva, 2010, p. 111).

As manifestações de intolerância vivenciadas no período escolar pelo astro do futebol mundial dos anos 90, David Beckham, é ilustrativo:

[...] Considerado um dos maiores jogadores de futebol do mundo, o meio-campista inglês é uma personalidade emblemática da Grã-Bretanha. [...] Seu talento, no entanto, não impediu que David sofresse *bullying* durante o período escolar. Em 2007, ele declarou à revista *Guardian Weekend* (Inglaterra) que durante a adolescência se sentia um estranho no ninho. Enquanto seus colegas pensavam em diversão, David Beckham mantinha a mente totalmente focada no futebol e na preparação disciplinada para os jogos. Beckham era, então, alvo de constantes zombarias por ter se iniciado no esporte muito cedo, por se recusar a sair à noite ou até a beber com os amigos. Seus intimidadores diziam que isso era coisa de “mulherzinha” (Silva, 2010, p. 98).

Antes de avançar, gostaríamos de realizar uma breve digressão e fazer referência a um importante trabalho que muito contribui para a melhor compreensão deste assunto. Entendemos que *bullying* guarda analogia com o que o sociólogo Erving Goffman tratava ao

escrever a importante obra *Estigma – manipulação de uma identidade deteriorada*, onde analisou pessoas estigmatizadas, as quais, tal como as vítimas do *bullying*, "tem um atributo que as torna diferentes do outro, um atributo depreciativo" (Goffman, 1988, p. 12).

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo *stigma* para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor – uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada, especialmente em lugares públicos. Mais tarde, na era cristã, dois níveis de metáfora foram acrescentados ao termo: o primeiro deles referia-se a sinais corporais de graça divina que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele; o segundo, uma alusão médica a essa alusão religiosa, referia-se a sinais corporais de distúrbio físico. Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal. Além disso, houve alterações nos tipos de desgraças que causam preocupação (Goffman, 1988, p. 11).

As pessoas – especialmente crianças e adolescentes - se sentem inseguras quando desprezadas, criticadas, zombadas, “pois não sabem como (os outros) o identificarão, sentindo-se, desse modo, ‘em exibição’”. Segundo Goffman, tendem a considerar erros mínimos e/ou enganos incidentais ao seu atributo diferencial estigmatizado; sentem que estar presente entre os “normais” pode expô-los a invasões de privacidade, oscilando entre o retraimento e a agressividade, e a interação *face-to-face* pode tornar-se muito violenta. O estigmatizado evitará, então, situações sociais mistas que provocam uma interação angustiada, inclusive para os “normais”, que também não sabem como agir diante deles, explica Goffman. “Deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída” (Goffman, 1988, p. 12).

1.2 Bullying – discriminação e segregação em aulas de Educação Física

Este artigo estuda manifestações de *bullying* e posturas etnocêntricas em aulas de educação física no IFPI Campus Teresina Central, onde elas se fazem presentes com relativa frequência, expressando-se pela falta de aptidão esportiva e compleição física de alguns alunos e por questões étnicas, de gênero, e outras.

Nos treinamentos esportivos e nas aulas de educação física, a proximidade física, os contatos permanentes, os choques constantes, a participação emotiva, favorecem a ocorrência, exposição e revelação de pontos vulneráveis. Momentos de afetividade e emoções mais ou

menos internalizadas e reprimidas na vida cotidiana – alegria, raiva, ansiedade, tristeza, mágoa, etc – são frequentes no esporte e logo se exacerbam, permitindo que venham à tona com maior intensidade impulsos preconceituosos, atos falhos, comportamentos excludentes, falas ofensivas.

A Educação Física enquanto projeto pedagógico exige da filosofia seus fundamentos axiológicos; exige da ciência a seleção e validação de conteúdos e conhecimentos capazes de estruturarem técnicas de efetiva intervenção. Todavia não se encerra nestas formas de conhecimento. É necessário concretizá-los, o que só é possível através da ação pedagógica, através de nossas aulas e de nosso compromisso com a formação da personalidade de indivíduos humanos. Enfim, devemos perceber a educação física como uma pedagogia no âmbito de um projeto antropológico. Devemos ter claro que a educação física é uma intervenção no real concreto a partir de objetivos práticos (Gaya, 1994, p. 33).

Neste contexto, são cada vez mais recorrentes a manifestação de sentimentos de intolerância, de casos de *bullying* e de um etnocentrismo latente, onde o sujeito estabelece precária relação de respeito, reconhecimento e empatia com as “verdades do outro”. Desse modo, é perceptível a necessidade de reconhecer essa disciplina como uma das principais ferramentas para lidar com essas manifestações no interior da escola e, especialmente, nas aulas de educação física. Visto que esses são espaços privilegiados de expressão de vários tipos de violência e discriminação.

Essa mesma escola e seus currículos, que historicamente contribuíram (e contribuem) para o quadro de exclusão social (invisibilizando identidades, negando a diferença e seus sujeitos), podem transformar-se em locais de disputa de novos significados culturais e de contestação desses modelos excludentes e desiguais (Furlani, 2005, p. 222).

Com efeito, ofensas, injúrias, menosprezos, afrontas, violência entre estudantes ocorrem permanentemente. Muitos reagem e respondem com agressividade a estes atos perversos, por vezes correndo-se o risco de atingir conotações até mesmo trágicas.

Em pesquisa realizada com alunos de educação física, do ensino médio, de escolas estaduais do Piauí, Santos (2012, p.74) constatou que, em relação às interações pessoais, “as aulas de Educação Física responderam promover ‘às vezes’ o respeito mútuo, dignidade e solidariedade, em 33,7%; a cooperação e tolerância ao diferente, em 35,7%; e ‘sempre’ ajudam os alunos a conhecer seus limites foi respondido em 27,9% dos casos.

Darido (2004) afirma que a Educação Física na escola deve favorecer o conhecimento da cultura corporal, interligado à formação do cidadão, de forma democrática e não seletiva.

Depreende-se, assim, que o corpo precisa ser visto, nas aulas de educação física, como um elemento essencial do processo educacional, levando-se em consideração suas histórias, emoções e marcas.

A escola deve ser um espaço, onde o conhecimento deve ser compreendido e apreendido de forma prazerosa e lúdica. Por isso, a importância de pensar sobre as escolhas a serem feitas ao planejar suas ações. Em relação à disciplina de Educação Física, a perspectiva é a mesma. O planejamento deve contemplar um currículo multicultural, que atenda às necessidades do estudante, a partir de suas experiências pessoais e coletivas.

Aprender a aprender, aprender a ensinar, respeitar, valorizar, aceitar, questionar, refletir, jogar, repartir, brincar, sorrir, brigar, chorar, de forma integrada, experimentando sensações totalmente humanas, ora racionais ora subjetivas, através das atividades meio da Educação Física como o jogo, o esporte, a dança, a ginástica, entre outras, e buscando a essência humana o "homo ludens", é um dos caminhos metodológicos a ser trilhado (Ferreira & Moreira, 2002, p. 3).

Dessa forma, é que Santomé (2004) fala de uma ação desencadeada pela escola, que legitima a cultura dominante, instituindo o “monoculturalismo” e o silenciamento de outras culturas. Considera que por meio de uma prática educativa multicultural, os estudantes refletirão sobre as relações de poder embutidas nos mecanismos de silenciamento da cultura. Afirma, ainda, que somente dessa forma, os estudantes estarão aptos para reagir (Pansini & Nenevé, 2008).

2. Metodologia

Realizamos uma investigação de cunho qualitativo, por meio de uma pesquisa de campo no Instituto Federal do Piauí – IFPI Campus Teresina Central, no sentido de conhecer as percepções sobre as manifestações e efeitos do *bullying*.

Os métodos qualitativos são aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo. Neles a coleta de dados muitas vezes ocorre por meio de entrevistas com questões abertas. Neste tipo de pesquisa algumas características, conforme Ludke e Andre (2013), são: 1) A pesquisa qualitativa, em geral, ocorre no ambiente natural com coleta direta de dados e o pesquisador é o principal instrumento; 2) Os dados coletados são preferencialmente descritivos; 3) A preocupação do processo é predominante em relação à do produto; 4) O “significado” que as pessoas dão as coisas e a sua vida são focos de atenção para o pesquisador e, 5) A análise de dados e informações tende a seguir um processo indutivo (Pereira, et al., 2018, p. 67).

As escolhas metodológicas estão ancoradas em Pereira et al., (2018), Gil (2010), Goldenberg (2000), Yin (2016) e Orlandi (2003), para melhor compreensão das informações produzidas com os sujeitos sobre o fenômeno em estudo.

O Instituto Federal do Piauí – IFPI Campus Teresina Central, oferece educação básica, superior e profissional, de forma pluricurricular e treinamento esportivo (handebol, futsal, voleibol, basquetebol, lutas e atividades em academia), como atividades extracurriculares, associadas ao Departamento de Educação Física.

Participaram da pesquisa, 03 (três) professores voluntários de educação física e esportes (lutas, futsal e basquetebol) do ensino técnico integrado (ensino médio), servidores efetivos da instituição. Reuniu-se individualmente com os professores e, a partir de um roteiro, iniciou-se uma conversação, em sala reservada, com inteira privacidade, o que possibilitou a produção de informações valiosas sobre o objeto de estudo.

“No ambiente universitário e também nas faculdades e escolas técnicas é importante a realização de pesquisas como forma de se buscar respostas para problemas ou se conhecer e entender fenômenos que ocorrem nas diversas áreas do saber” (Pereira, et al., 2018, p. 67).

Quanto aos objetivos, adotou-se a pesquisa explicativa, no sentido de identificar os fatores que contribuíram para a percepção do fenômeno (Gil, 2010), buscando suas razões e analisando os efeitos produzidos nos sujeitos.

A coleta de informações foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, as quais serviram de dispositivo para conhecer suas concepções e práticas. Segundo Goldenberg (2000),

um dos principais problemas das entrevistas e questionários é detectar o grau de veracidade dos depoimentos. Trabalhando com estes instrumentos de pesquisa é bom lembrar que lidamos com o que o indivíduo deseja revelar, o que deseja ocultar e a imagem que quer projetar de si mesmo e de outros. (Goldenberg, 2000, p. 85).

De acordo com Yin (2016), esse tipo de entrevista difere em alguns aspectos das entrevistas estruturadas. Por exemplo, não há rigidez na relação entre o pesquisador e o participante. Não há um questionário pré-estabelecido. O pesquisador faz uma elaboração mental das perguntas do estudo, mas que vão diferir de acordo com o contexto e o ambiente da entrevista (Yin, 2016, p. 119).

Em contraste, [...] ao fazer entrevistas qualitativas, o pesquisador tenta compreender o mundo do participante, o que provavelmente inclui esforços concentrados para dominar os significados das palavras e expressões do participante. A linha de

questionamento não é controlada por um questionário, mas exige que o pesquisador aplique energia mental constante. Um pesquisador que faz muitas entrevistas dessa forma no mesmo dia sentir-se-á *mentalmente* exausto ao fim do dia, mas pode ainda ter um excedente de energia física (Yin, 2016, p. 121).

Em relação aos procedimentos técnicos, realizou-se uma análise do discurso, a qual de acordo com Orlandi (2003) possibilita conhecer as concepções presentes nas entrelinhas dos discursos dos sujeitos.

A Análise de Discurso não trata da língua, não trata de gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (Orlandi, 2003, p. 15).

Buscamos explicar o fenômeno do *bullying* a partir das concepções e vivências dos sujeitos por meio das experiências e relatos de situações vivenciadas com os estudantes nas aulas de educação física. As respostas foram organizadas nas seguintes categorias: concepções e situações de *bullying*, meios de comunicação de massa, reações e respostas, inclusão educacional.

Para garantir o anonimato, os sujeitos foram identificados com nomes de deuses gregos - *OSÍRIS*, “Deus da vegetação e do crescimento”; *KRATOS*, “Deus da força e do poder”; *ZELOS*, “Deus da rivalidade e da grandeza”.

3. Resultados e Discussão

3.1 Análise dos discursos dos Professores

Os professores de educação física entrevistados apontaram múltiplas e diferentes manifestações de *bullying* nas aulas de educação física.

Bullying é um mal, uma coisa que está acontecendo, já começa na infância. Se o menino é gordo sofre *bullying*, se é magro sofre *bullying*, se é preto sofre *bullying*, se é branco demais sofre *bullying*, se é fedorento sofre *bullying* [...]. O *bullying*, na minha opinião, é bem maior do que muitas pessoas pensam, está bem agressivo e, para mim, o *bullying* está enraizado na sociedade, [...] raiz profunda [...]. se é pobre sofre *bullying*, se não tem os dentes sofre *bullying* (KRATOS).

O *bullying* se manifesta por coações, humilhações, ou até mesmo por atos de violência. Segundo Zelos, expressa-se, geralmente, por falas pejorativas, com uso de “apelido ou piada”, ou à compleição física, “o baixinho, o gordinho, o magérrimo, o apelido de alguém que tem algum defeito físico”.

Kratos lembra ter sido, em sua vida pessoal, vítima de *bullying*: “Eu já sofri muito *bullying* e ainda hoje sofro. Eu sou um cara negro, sou de família pobre, nunca tive uma condição financeira muito boa na infância na adolescência”.

Diversas atividades, manifestações, práticas, desenvolvidas por crianças e adolescentes nas aulas de educação física podem vir a tornar-se objeto de *bullying*.

se não tem um conhecimento igual os outros sofre *bullying*, se não participa das brincadeiras que os outros meninos gostam de participar sofre *bullying*, se não sabe jogar futebol sofre *bullying*. [...] (*Kratos*).

[...] na educação física é constante. Mesmo com a intervenção nossa, enquanto professor, mas na hora que você sai, forma aqueles grupinhos, [...] volta aquelas pessoas aquele isolamento, aquelas pessoas que sofrem *bullying* [...] então infelizmente é uma realidade constante (*Kratos*).

não sabe dar um chute, não sabe dar um arremesso, não sabe fazer isso, enfim (*Osíris*).

[...] Vejo mais nas competições quando está perto do jogo. Os alunos ficam com piadinha com os outros (*Zelos*).

[...] na hora de dividir um time, se você não delimitar como é que vai ser a divisão das equipes, aqueles melhores tendem a se isolar e fazer o grupinho, aqueles que são tidos ruins, nem jogar querem (*Kratos*).

Nas falas, identifica-se a negação do outro, uma dificuldade em se lidar com o “diferente”, expressando-se situações de “inferioridade” com dificuldades em conviver com as diferenças corporais, motoras, de aprendizagem, de gênero, etc.

Neste sentido, *bullying* pode ser associado àquilo que a Antropologia define como “etnocentrismo”, ou seja, visões de mundo centradas na própria etnia, quando ocorre um não-reconhecimento e mesmo um desprezo pelos valores, atitudes, comportamentos, costumes e crenças de uma pessoa ou de um grupo de pessoas. O “diferente” é visto em uma perspectiva autocentrada, pensado e considerado de maneira enviesada, a partir da cultura de quem o vê, a única considerada verdadeira e digna de valorização.

Etnocentrismo é uma visão do mundo com a qual tomamos nosso próprio grupo como centro (...) nossos modelos, nossas definições do que é existência. No plano intelectual

pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc. (Rocha, 2006, p. 7).

A diferença é vista como perigosa, uma vez que agride os valores, crenças, identidades culturais do sujeito que observa, o qual não dispõe de categorias classificatórias capazes de interpretá-la. O antropólogo Everardo Rocha (2006, p. 8) escreveu com verossimilhança um possível “monólogo etnocêntrico”:

Como aquele mundo de doidos pode funcionar? Espanto! Como é que eles fazem? Curiosidade perplexa? Eles só podem estar errados ou tudo o que eu sei está errado! Dúvida ameaçadora?! Não, a vida deles não presta, é selvagem, bárbara, primitiva! Decisão hostil!

O estudo do etnocentrismo e a interpretação da lógica de comportamento do “diferente” é um dos conteúdos teóricos fundamentais da Antropologia, quando o relativismo cultural e a necessidade de “ver o outro”, a partir de suas próprias categorias, é pensado como critério básico para sua adequada compreensão.

3.2 *Bullying* e meios de comunicação de massa

Os meios de comunicação de massa desempenham papel significativo em relação às manifestações de *bullying*. Ao valorizarem e disseminarem uma cultura dominante em detrimento de outras, reportadas como menos apropriadas ou socialmente menos aceitas, promovem uma perigosa exclusão e marginalização social. Representações coletivas difundidas em revistas, televisão, internet, contribuem para a formação de gostos e apreciações que tantas vezes desvalorizam e excluem aqueles considerados diferentes.

Aqueles que são diferentes do grupo do eu – os diversos “outros” deste mundo – por não poderem dizer algo de si mesmos acabam representados pela ótica etnocêntrica e segundo as dinâmicas ideológicas de determinados momentos (Rocha, 2006, p. 15).

Neste sentido, a mídia pode favorecer e fortalecer estas manifestações, especialmente ao enfatizar determinados traços, comportamentos, comentários, anedotas discriminatórias e preconceituosas, ou humilhações e chacotas, ou ainda incentivarem, nas aulas de educação física e nos treinamentos esportivos, posturas excessivamente competitivas, onde os mais fortes e com maior destreza, habilidade e capacidade atlética são distinguidos como padrão de sucesso, felicidade e de existência. Dizem os professores entrevistados:

Acredito que, muitas vezes, a mídia faz é favorecer a prática do *bullying*, [...]. Quando se valoriza só o melhor, o mais bonito, a mulher mais bonita, principalmente as de corpo, os atletas só valorizam os que ganham muitíssimo bem. Nesse ponto, acho que a mídia vem é favorecer a prática do *bullying* por divulgar só os campeões. E os outros? (Zelos).

[...] As campanhas são feitas, mas se você for pegar a televisão, malhação, esses filmes americanizados... todo filme americanizado é *bullying* puro, o cara chacota com a vida do outro. [...] Então, ela engrandece cada vez mais você chacotear, você brincar com fulano, sicrano, beltrano (Osíris).

Posturas etnocêntricas veiculadas pelos meios de comunicação estabelecem perigosas distinções entre comportamentos de maior e menor prestígio. Certamente, uma distinção bastante arriscada, pois acarreta em determinados padrões, estereótipos, estigmas, levando muitos alunos a se isolarem, se esconderem, ou representarem papéis incongruentes.

Destacamos o caso emblemático das pessoas com deficiência: “assim como outras formas de opressão pelo corpo, como sexismo ou o racismo, os estudos sobre deficiência descortinaram uma das ideologias mais opressoras de nossa vida social: a que humilha e segrega o corpo deficiente” (Diniz, 2012, p. 9).

No universo midiático, o *bullying* está sempre adotando novas facetas e novas conotações, pode se manifestar tanto nas relações face-a-face como à distância, por exemplo sob forma virtual, quando se apresenta envolto em anonimato, com uso de pseudônimos ou outros subterfúgios para evitar identificação, o que, certamente, não o torna menos cruel ou perverso.

Um dos entrevistados afirmou não ter ainda presenciado, mas tem conhecimento desse tipo de violência no cenário estudantil, inclusive no meio esportivo:

De vez em quando, acontece uns casos de divulgação de vídeos íntimos [...] o que a gente observa muito de brigas de facebook, de instagram, um falando mal do outro. [...] Realmente, eu já vi uns casos no futsal feminino, uma briga muito grande que teve, no instagram e no facebook de alguns amigos [...] (OSÍRIS).

O *cyberbullying* tem se configurado como uma das principais formas de manifestação do *bullying*, especialmente nesse momento de pandemia, quando os jovens estão se relacionando principalmente por meio das mídias sociais. O assédio é uma forma de violência simbólica, não vista por pais, professores, o que o torna ainda mais pernicioso nas relações travadas por eles.

3.3 Reações e respostas

O *bullying* e o etnocentrismo no ambiente escolar estabelecem arriscadas distinções entre o comportamento considerado “normal” e o “anormal”, acarretando e desencadeando inúmeras respostas do “desviante” em relação às manifestações de hostilidade, as quais certamente diferem em um mesmo ambiente ou grupo social, a depender da maior ou menor aceitação e capacidade de reação.

Quando expostos a estes constrangimentos, intolerância e situações de humilhação, alguns reagem agressivamente, com manifestações de violência, outros não conseguem traduzir com propriedade o sentimento de inconformidade e tristeza e, muitas vezes, reprimem o descontentamento e os sentimentos de angústia e revolta.

Marcas de tristeza e dificuldades de relacionamento social, especialmente no período da infância e da adolescência - marcados por instabilidades emocionais e busca de afirmação de identidade e aceitação social – podem vir a se tornar graves problemas. Podem ocorrer, ainda, uma certa apatia e isolamento, gerando absenteísmo ou até mesmo evasão e abandono da escola pelos estudantes. Foram situações citadas pelos entrevistados.

Eu me sinto muito chateado, [...] até por uma forma de defesa desse próprio *bullying* que eu senti, que eu sofria na infância. [...] Isso me fez ser um cara muito retraído, tenho poucas amizades por culpa desse *bullying* que eu mesmo sofri, então quando eu vejo isso na escola, eu faço intervenção, às vezes, muito além do que eu deveria fazer (Kratos).

Geralmente quando eu vejo a pessoa assim... triste, cabisbaixa, fica um pouco afastada (Zelos).

Infelizmente presenciei pessoas que sofrem *bullying*, a resposta é isolamento, [...] não tem força, são altamente introspectivas, tem dificuldade de se abrir, então, pra ela, a única solução é se isolar (Kratos).

Nesse aspecto, os sujeitos relacionam como principais reações e respostas das vítimas, uma atitude de isolamento, retração e sofrimento que, posteriormente podem se configurar com uma certa identificação ao problema e reação, por vezes, instintiva, como ressalta o sujeito *Kratos*, ao afirmar que intervém muito além do que deveria fazer. Percebe-se que os professores ao detectar tais comportamentos, sentem-se despreparados para tomar uma atitude de acordo com a situação.

3.4 Intervenção pedagógica e inclusão educacional

Questionamos os professores acerca das atitudes, procedimentos e políticas que consideram mais adequadas para lidarem com estas situações de conflito. A educação foi destacada como elemento fundamental e o papel conciliador e conscientizador desempenhado pelos docentes na mediação e interferência nos conflitos foi salientado.

Por exemplo, teve a última que me procurou, que era muito gordinha e não se sentia bem fazendo as atividades, porque não achava legal o corpo, a imagem corporal que ela tinha não era muito boa e ela ficava meio constrangida com relação aos demais, e a gente foi trabalhando na cabeça dela e hoje ela é uma das meninas que mais participa da minha aula (Osíris).

Olha, a gente tem que apurar, a gente não vai julgar, [...] vai tentar entender porque está acontecendo aquela chacota de A com B, porque isso está acontecendo e se realmente a pessoa já está com algum problema psicológico em cima daquilo. A gente tem que trabalhar em cima, porque Teresina é a cidade que tem a maior causa de suicídio no país, então tem que tomar cuidado para que os alunos não sofram com esse tipo de coisa (Osíris).

[...] se você for ver é uma bola de neve, aquela criança e adolescente que sofreu *bullying*, [...] aquilo também pode causar raiva, revolta. Mas, o esporte também é importante para essa pessoa que sofre *bullying*. Se ele pega um professor de qualidade ele vai se sentir seguro: “eu sou gordinho, mas lá meu professor não aceita *bullying*, vou ficar lá”. [...] (Kratos).

Sobre as ações realizadas no âmbito da Instituição com a finalidade de discutir, refletir e procurar diminuir o fenômeno, assim responderam:

A extensão está dando um certo suporte para o projeto [...] mas a gente ainda vê um pouco se arrastando e o que a gente percebe muito é que o professor titular do projeto gasta muito do bolso para poder o negócio andar e não era para ser assim, porque o projeto não é pessoal (Osíris).

O que eu observo agora é o trabalho que vem sendo feito encabeçado pelo professor Luiz Carlos. [...] Temos agora uma sala para tratar desse assunto, então a escola está começando a apoiar o projeto [...] (Zelos).

Dentro do IFPI eu vejo e sinto que vem sendo feito um trabalho de qualidade, não um trabalho oba-oba, um trabalho de qualidade que tem crescido e a cada ano, a cada atividade, a cada evento tem agregado mais pessoas (Kratos).

Os três professores entrevistados destacaram a necessidade de uma formação mais eficaz para que se consiga promover uma inclusão efetiva. Caso não haja investimento nessa

área, disseram, dificilmente será possível realizar ações positivas capazes de produzir efeito satisfatório sobre a situação de exclusão vivenciada por muitos estudantes.

[...] a gente ainda está engatinhando com relação ao que pode ser feito, [...] acho que dá para a gente reverter um pouquinho, mas essa situação ainda está muito aquém mesmo... (Osiris).

[...] nós não estamos ainda preparados para lidar com vários casos de *bullying*. Às vezes, a gente só espera acontecer para ir atrás para resolver o problema e seria o mais correto preparar os professores e os demais funcionários para trabalhar e se evitar o *bullying*. Seria mais adequado (Zelos).

[...] Nas escolas, nos órgãos, no próprio IFPI, nós encontramos pedagogos, professores que não estão e nem procuram estar preparados (Kratos).

Um importante avanço de intervenção pedagógica e inclusão educacional certamente foi a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Questionamos os entrevistados sobre seu conhecimento e efetividade.

Embora o entrevistado *Kratos* tenha destacado sua importância – “o ECA poderia ser um forte aliado no caso contra o *bullying*” – identificamos uma certa fragilidade na informação, conhecimento e domínio deste instrumento:

Rapaz eu vi numa palestra uma vez [...] Porque, geralmente, o senso comum, a gente vê os outros falando e se não pesquisar e estudar até pensa que o ECA só dá direitos, direitos e direitos, mas o ECA, pela palestra que eu ouvi, dá direito a quem precisa do direito, a criança vulnerável que está precisando daquele direito (Zelos).

Constata-se, desse modo, que os professores admitem a relevância da formação para realização de uma ação qualificada de intervenção sobre esse problema. Visto que a formação fornece suporte e maior segurança para o professor agir em situações que se caracterizam como *bullying* manifesto.

4. Considerações Finais

Nossa investigação sobre o fenômeno no ambiente escolar nos possibilitou identificar a presença recorrente do *bullying* nas aulas de educação física do Instituto Federal do Piauí.

Em relação aos professores entrevistados, relataram ter conhecimento dessa prática, mas percebemos estarem relativamente despreparados e sem as habilidades e competências suficientes para lidar com ela. Destacaram a necessidade de formação e planejamento de

ações para minorar o problema, como, por exemplo, a necessidade de criação de um núcleo de atenção ao estudante e, em relação à sociedade mais abrangente, consideraram as ações ainda bastante incipientes.

Enfatizaram, ainda, a necessidade de os professores e dirigentes se conscientizarem e se capacitarem mais adequadamente para atuarem no ensino de competências capazes de contribuir para uma formação mais humanizada e tolerante de seus estudantes. Salientaram que a Educação Física pode se tornar um componente curricular importante para uma maior conscientização do problema pelos discentes. Complementaram, enfatizando a necessidade e a importância de um maior conhecimento da formação e da origem social e cultural dos estudantes, o que favorece, sobretudo, a compreensão destas manifestações.

Por fim, a questão do relativismo cultural, mesmo que superficialmente, também foi abordada, ou seja, a necessidade em ver “as verdades da vida menos (como) uma questão de essência das coisas e mais uma questão de posição [...] quando compreendemos o ‘outro’ nos seus próprios valores e não nos nossos, estamos relativizando [...] ver que a verdade está mais no olhar que naquilo que é olhado”. (Rocha, 2006, p. 20).

Com efeito, o relativismo cultural seria fundamental no trato com o *bullying* e o etnocentrismo, uma vez que age na busca da superação e eliminação de supostas supremacias entre culturas, especialmente no que tange à formação de conceitos e julgamentos sobre o outro e suas manifestações simbólico-culturais.

Essa pesquisa não tem a pretensão de ser um produto final das discussões sobre as relações conflituosas, particularmente entre crianças e adolescentes no ambiente escolar (*bullying*). O que se espera na realidade, é despertar pesquisadores, profissionais da área de educação e/ou áreas afins para discussões emergentes que envolvam esse tipo de fenômeno cada vez mais recorrente dentro da escola e, atualmente, nas mídias sociais, por conta do distanciamento social provocado pela pandemia da COVID-19.

Referências

Brasil. (2002). *Lei nº 8.069/90*. Estatuto da criança e do adolescente (ECA). Conselho nacional dos direitos da criança e do adolescente (Conanda) e Ministério da Justiça.

Cury, J. (2018). *Bullying: Ameaça disfarçada*. In: *Revista Cidade Verde: o Piauí com todas as letras*. (182a ed.), 49-55.

Darido, S. C. (2004, jan./mar). A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.* 18, (1), 61-80.

Diniz, D. (2012). *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense. (coleção Primeiros Passos).

Ferreira, S. R., & Moreira, H. (2002); *A prática pedagógica da educação física: Seu impacto sobre as concepções de corpo em mulheres de diferentes gerações*. Recuperado de <http://www.motricidade.com/index.php?option=comcontent&view=category&id=48:docência&layout=blog&Itemid=90&layout=default>.

Furlani, J. (2005). Políticas identitárias na educação sexual. In: Grossi, M. P., et al. *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: GaramondLtda. 219-238.

Gaya, A. (1994). Mas afinal, o que é educação física? 1 (1). *Revista Movimento*. Ufrs/Porto Alegre.

Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4a ed.). São Paulo: Atlas.

Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. (4a ed.) Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

Goldenberg, M. (2000). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. (4a ed.). Rio de Janeiro: Record.

Nogueira, J. K., Felipe, D. A., & Teruya, T. K. (2008). Conceito de gênero, etnia e raça. Reflexões sobre a diversidade cultural na educação física escolar. (UEM) Educação escolar, formação de professores, diversidade cultural. ST 1 - A questão racial no Brasil e as relações de gênero. *Fazendo gênero 8 – Corpo, violência e poder*. Florianópolis.

Orlandi, E. P. (2003). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. (5a ed.) Campinas, SP: Pontes.

Pansini, F., & Nenevé, M. (2008, jan/jun). Educação multicultural e formação docente. *Currículo sem fronteiras*, 8 (1), 31-48.

Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R., (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Santa Maria: UAB/NTE/UFSM. Recuperado de https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/02/Metodologia-da-Pesquisa-Cientifica_final.pdf.

Rocha, E. (2006). *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense (coleção Primeiros Passos).

Santos, L. C. S. (2012). *A educação física escolar no ensino médio em Teresina-PI*. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Brasília.

Silva, A. B. B. (2010). *Bullying: Mentres perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Yin, R. K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Tradução de: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 313.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Luiz Carlos Soares Santos – 40%

Luís Otávio Teles Assumpção – 40%

Marco Antonio Caetano Júnior – 20%